



remaea

Educação Ambiental e veganismo como forma de questionamento sobre o modo de produção de alimentos

Gabriel Willian Pereira¹

Universidade Federal de Itajubá/UNIFEI

ORCID <https://orcid.org/0009-0003-2519-0998>

Marcela de Moraes Agudo²

Universidade Estadual Paulista/UNESP-Botucatu

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3386-8354>

Resumo: O veganismo como ideologia visa a não exploração dos animais, questiona os modos de produção de alimentos e abrange pautas de sustentabilidade. Sua relação com a Educação Ambiental se dá em diferentes níveis e aspectos uma vez que esses campos estão interligados. O objetivo central deste trabalho foi o de investigar e analisar as compreensões de produtoras de alimentos sem origem animal de uma cidade do Sul de Minas Gerais sobre a relação entre Educação Ambiental e veganismo. Assim, por meio de entrevistas semiestruturadas, buscamos entender um pouco mais acerca dessas compreensões, caracterizando e analisando suas implicações. A partir da categorização e análise dos dados, pudemos compreender que o veganismo como ideologia apresenta grandes potencialidades como forma de questionar o modo de produção de alimentos como o agronegócio. Nota-se ainda, a partir dos dados, que há uma grande relação de gênero e veganismo e que as visões de Educação Ambiental pelos entrevistados são em sua maioria conservacionistas.

Palavras-chave: Educação ambiental, Veganismo, Agronegócio.

Educación ambiental y veganismo como una forma de cuestionar el modo de producción de alimentos.

Resumen: El veganismo como ideología busca evitar la explotación de los animales, cuestiona los métodos de producción de alimentos y abarca temas de sostenibilidad. Su relación con la educación ambiental se manifiesta en diferentes niveles y aspectos, ya que estos campos están interconectados. El objetivo central de este trabajo fue investigar y analizar las comprensiones de los productores de alimentos sin origen animal en una ciudad del

¹ Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Itajubá/UNIFEI. E-mail: pereiragabrielwillian@gmail.com

² Professora Assistente Doutora da Universidade Estadual Paulista/UNESP-Botucatu, é bióloga, pedagoga, mestra e doutora em Educação para a Ciência pela UNESP-Bauru. Realizou estágio de pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra/Portugal. E-mail: marcelamagudo@gmail.com

Sur de Minas Gerais acerca de la relación entre la educación ambiental y el veganismo. De esta manera, a través de entrevistas semiestructuradas, buscamos comprender un poco más sobre estas comprensiones, caracterizándolas y analizando sus implicaciones. A partir de la categorización y análisis de los datos, pudimos entender que el veganismo como ideología tiene un gran potencial como forma de cuestionar el modo de producción de alimentos, como el agronegocio. También se observa, a partir de los datos, que existe una fuerte relación entre el género y el veganismo, y que las visiones de educación ambiental de los entrevistados son en su mayoría conservacionistas.

Palabras-clave: Educación ambiental, Veganismo, Agronegocio.

Environmental education and veganism as a way of questioning the food production methods.

Abstract: Veganism as an ideology aims to prevent the exploitation of animals, questions food production methods, and encompasses sustainability agendas. Its relationship with environmental education occurs at different levels and aspects since these fields are interconnected. The central objective of this work was to investigate and analyze the understandings of producers of animal-free foods from a city in the South of Minas Gerais regarding the relationship between environmental education and veganism. Therefore, through semi-structured interviews, we sought to gain a better understanding of these understandings, characterizing and analyzing their implications. Through data categorization and analysis, we were able to comprehend that veganism as an ideology holds great potential as a way to question the food production mode, such as agribusiness. It is also noteworthy, based on the data, that there is a significant gender association with veganism, and the views on environmental education among the interviewees are mostly conservationist.

Keywords: Environmental education, Veganism, Agribusiness.

Introdução

O veganismo se caracteriza por uma prática alimentar e um modo de vida que rejeitam todas as formas de exploração animal, ultrapassando as dicotomias sociais nas quais seus adeptos estão inseridos. Mais do que uma escolha baseada na disponibilidade de alimentos, o veganismo representa uma decisão ética que exclui o consumo de qualquer produto de origem animal, mesmo que acessível. O conceito de soberania alimentar que compreendemos neste trabalho diz respeito a uma agricultura e agroindústria fundamentadas em técnicas que promovam uma relação não exploratória com o meio ambiente, resultando, por um lado, em alimentos saudáveis e seguros e, por outro, em práticas comprometidas com uma relação equilibrada entre natureza e sociedade, contrapondo-se ao modelo do agronegócio.

O agronegócio e as atividades agropecuárias, por sua vez, são caracterizados pelo uso de técnicas intensivas e exploratórias do ambiente, diferenciando-se da produção de subsistência e familiar, que opera em menor escala e com menos investimento de capital.

Essas últimas muitas vezes são consideradas “menos eficientes” e não plenamente integradas ao mercado por uma perspectiva produtivista.

Arelado a esta problemática, verifica-se escassa produção acadêmica sobre a relação entre veganismo e Educação Ambiental, uma vez que trabalhos sobre veganismo não aparecem em nenhuma das publicações dos Anais de todas as edições do evento Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA), em nenhuma publicação da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa (ANPED), desde sua 30ª edição, quando o Grupo de Trabalho GT22, sobre a Educação Ambiental, foi criado. Faz-se necessário então, a reflexão e o debate acerca dessa temática, sendo isto que nos propomos contribuir inicialmente. Com isso, o objetivo geral desta pesquisa é buscar entender se há e como se dá as compreensões de produtoras de alimentos veganos de uma cidade no Sul de Minas Gerais sobre a relação entre Educação Ambiental e Veganismo.

Analisando suas concepções sobre Educação Ambiental, investigando como essas empreendedoras entendem a relação entre veganismo e a produção de alimentos a partir do modelo capitalista e caracterizando a relação entre Educação Ambiental e veganismo a partir de suas compreensões.

Há certa incompreensão atualmente no que diz respeito ao papel da Educação Ambiental na formação dos educandos e educandas. Para Reigota (1994), é consenso na comunidade internacional que a Educação Ambiental deve estar presente em todos os espaços que educam o cidadão e a cidadã, sendo então um conceito multidisciplinar. Nas escolas brasileiras, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a temática sobre o meio ambiente é considerada um assunto transversal, que deve permear todas as atividades desenvolvidas com os alunos. Ou seja, não é responsabilidade única dos professores de Ciências e Biologia tratarem dos problemas ambientais.

De acordo com a Carta de Belgrado - Unesco (1975), foram definidos seis objetivos indicativos da Educação Ambiental: conscientização, conhecimento, comportamento, competência, capacidade de avaliação e participação.

E isso só é possível se a Educação Ambiental for entendida como uma educação política, pois é ela quem irá reivindicar e conscientizar os cidadãos para que a justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza sejam

reivindicadas. Com isso, temos a Educação Ambiental Crítica como ampliadora dessas discussões, não sendo apenas uma evolução conceitual ou desenvolvimento metodológico de algo que era conservador.

Para Tozoni-Reis (2007) a importância da Educação Ambiental Crítica está:

[...] na formação de sujeitos ambientalmente responsáveis, comprometidos com a construção de sociedades sustentáveis, fundamento filosófico-político e teórico-metodológico da educação ambiental crítica, é uma ação política intencional e que, portanto, necessita de sistematização pedagógica e metodológica (Tozoni-Reis, 2007, p. 217).

Nesse exercício, deve-se pensar numa cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que estamos vivenciando, agravada pelo agronegócio e o desenvolvimento insustentável de modelos de produção agropecuários.

O agronegócio se dá em contraposição, principalmente, à produção de subsistência, atividades agropecuárias de menor escala e com menos capital investido, sendo consideradas “menos eficientes” e não plenamente integradas ao mercado.

No lado oposto desse embate político-teórico, o conceito de agricultura familiar também sofre apropriação, em oposição ao agronegócio. Com o objetivo de construir uma representação para o segmento social, a fim de tentar desvinculá-lo da ideia de atraso e ineficiência, temos as questões sobre soberania alimentar como pilares para essa dissociação.

Nesse ponto de vista, a soberania alimentar representa, no cenário das lutas sociais, a expressão dos interesses e direitos dos povos. Para Altieri (2010), os movimentos sociais rurais adotam a soberania alimentar como alternativa ao modelo neoliberal, priorizando a autonomia local, mercados locais e práticas sustentáveis de produção. Nesse sentido, a soberania alimentar se apresenta como o arranjo mais adequado às práticas agrícolas associadas ao agronegócio e suas técnicas e manejos hostis ao meio ambiente, pois pressupõe uma agricultura e agroindústria baseadas na agroecologia, agrofloresta e demais técnicas não exploradoras do ambiente. Dessa forma, busca-se tanto a produção de alimentos saudáveis e seguros quanto manejos e práticas que promovam uma relação equilibrada entre natureza e sociedade, sem exploração dos recursos naturais (Altieri, 2010). As formas alternativas de consumo baseadas em diferentes posições quanto às dietas alimentares, tais como o

veganismo e vegetarianismo, vêm crescendo sua popularidade, aumentando o número de adeptos ao movimento:

Para explicar essa verdadeira explosão vegetariana brasileira – e também ocorrendo em vários países do mundo - do início do século XXI, a seguir listam-se três fatores contribuidores: a. a expansão da pesquisa científica/acadêmica favorável ao vegetarianismo b. expansão da internet e da educação superior c. criação da sociedade vegetariana brasileira e outros grupos ativistas (Carvalho, 2020, p. 95).

Ou seja, cada vez mais as pessoas se preocupam com os alimentos consumidos como formas e alternativas de reforçar ideologias que não são exploratórias ao meio ambiente, que respeitam a terra e garantem condições de vida e sustento dignos a quem produz.

Em síntese, o veganismo representa uma nova consciência da sociedade de consumo em relação aos animais não humanos e ao meio ambiente. Essa abordagem vai além da alimentação, refletindo uma necessidade de reorganização social que envolve valores, experiências e práticas voltadas para a mudança de paradigmas. Nesse sentido, o veganismo se alinha à defesa do bem viver como estilo de vida, promovendo uma relação mais ética e sustentável com os demais seres vivos e o planeta (Acosta, 2016). Na dieta vegana são abolidos todos os ingredientes de origem animal, como ovos, laticínios e mel (e qualquer tipo de carne, evidentemente), além de itens que contenham ingredientes de origem animal. A não exploração nesse sentido vai além da alimentação, quanto ao vestuário, couro ou tipos de pele também são excluídos, assim como seda e lã. No geral, quaisquer produtos ou itens que tenham sido testados em animais ou que contenham ingredientes de origem animal, não são consumidos por esse público.

O vegano recusa-se a consumir produtos de origem animal. Tal recusa não está limitada apenas à alimentação, mas estende-se a diversas esferas da vida cotidiana, baseando-se em princípios éticos contrários ao especismo – a discriminação de outras espécies fundamentada na presunção da supremacia humana (Abonizio, 2013).

O princípio abolicionista, norteador do veganismo, exclui também o comércio de animais de estimação, o uso de animais para esportes ou diversão, a vivissecção etc. Ser estritamente vegano é quase impossível, visto que nossa sociedade usa derivados de animais nos mais diversos setores produtivos. Como por exemplo o pneu automotivo que possui uma

substância chamada ácido esteárico, que aumenta a produtividade e resistência do pneu, derivado de óleos e gorduras animais.

E a proposta do veganismo leva isso em consideração, ao assumir que essas mudanças de hábito são feitas na medida do possível, por quem pratica. Pode se parecer uma postura radical, e é, no sentido de ir à raiz de algo e pretender superar questões como o especismo³, mas implica em resultados benéficos e muito importantes para toda sociedade e ambiente.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018 *apud* Sociedade Vegetariana Brasileira, 2018) cerca de 14% dos brasileiros se declaram como vegetarianos, o que aponta para 30 milhões de adeptos desta dieta. Usando dados de outros países como base, a Sociedade Vegetariana Brasileira estima que 33% dos vegetarianos brasileiros sejam também veganos, totalizando um total de 7 milhões de veganos no Brasil. (Sociedade Vegetariana Brasileira, 2018).

Outro crescimento encontrado na área foi o dos pequenos negócios vegetarianos e veganos, abordados nessa pesquisa. Segundo o Jornal Folha de São Paulo (2016), se expandiam a uma taxa de 40% ao ano em 2016.

Portanto a importância de uma educação crítica que gere reflexões sobre os modos de produção, articulada a uma relação entre natureza e sociedade de forma não exploratória, é necessária para que cada vez mais, práticas que se contrapõem ao modelo do agronegócio como a agricultura familiar e produção de pequenos produtores, aliadas às questões de meio ambiente e veganismo ganhem notoriedade e força o suficiente para se sobressaírem como um novo modelo vigente de produção.

Para expor sobre isso, explicaremos a seguir a metodologia da pesquisa realizada e então as discussões acerca dos resultados que foram categorizados nas seguintes categorias: *Relação das produtoras com o veganismo; Relação das produtoras com a Educação Ambiental; Relação das produtoras com o modo de produção de alimentos.*

³ “O especismo pode ser definido como qualquer forma de discriminação praticada pelos seres humanos contra outras espécies.” (Singer, 1998, p. 25-92).

Metodologia

A pesquisa científica é um processo de investigação minucioso e sistemático com a ação de compreender a realidade. Entende-se por pesquisa, a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atua frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação, ou seja, “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (Minayo, 2002).

Cabe a pesquisa a função de interpretar a realidade, sendo uma prática social de conhecimento. Os atos dos seres humanos são acompanhados de pensamento, reflexões sobre o observado e o vivido. Portanto, além de experienciar o mundo, é necessário compreendê-lo. (Minayo, 2002).

O conhecimento passa então a ser um instrumento de libertação, não sendo neutro, uma vez que pode ser libertador ou opressor. “Como constructo humano, pode estar a serviço da libertação dos sujeitos ou a serviço de sua opressão. Somente quando o conhecimento atua de acordo com as necessidades e vontades de todos os sujeitos envolvidos em seu processo ele é libertador” (Tozoni-Reis, 2009, p. 9).

A pesquisa em educação é, em sua essência, qualitativa. É preciso a consideração de que os fenômenos sociais e humanos nem sempre são quantificáveis, como afirma Minayo (1998). Falamos de um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Para essa pesquisa, buscamos coletar os dados por meio de entrevistas semiestruturadas. As participantes da pesquisa foram selecionadas através de uma rede de contatos de pessoas residentes em uma cidade do sul de Minas Gerais, que se autodeclaram como veganas e/ou vegetarianas. Estas pessoas indicaram produtores de alimentos veganos da cidade que elas identificam e de quem consomem os produtos. Foram selecionadas 10 produtoras de alimentos sem origem animal. Assim, elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada presente no Quadro 1, desenvolvido a fim de guiar tanto o pesquisador entrevistador como os produtores participantes da pesquisa, ao longo da entrevista realizada com cada um deles.

Quadro 1 - Roteiro da entrevista semiestruturada

QUESTÃO	PERGUNTA
1	Como você compreende a produção local de alimentos e a comercialização em larga escala de produtos ultraprocessados?
2	Qual sua compreensão sobre a relação entre o modo de produção (agronegócio) e a realidade alimentar da população brasileira?
3	Como começou sua relação com o veganismo e há quanto tempo?
4	Como você enxerga a relação entre o veganismo e as questões ambientais? E de que maneira se dá?
5	O que é educação ambiental para você?
6	Sobre o seu trabalho com produção de alimentos veganos, quem consome seus produtos, qual o perfil deles?
7	E por que você acha que eles escolhem consumir seus produtos?
8	Por que você escolheu estruturar seu trabalho em torno do veganismo?

Fonte: elaborado pelo autor.

De um total de 10 produtores de alimentos veganos da cidade que foram identificados, 6 mulheres retornaram e realizaram as entrevistas, que foram feitas de forma virtual e gravadas através do Google Meet e depois transcritas para a análise das respostas.

A categorização foi feita a partir dos dados coletados pelas entrevistas semiestruturadas com os participantes. Essas entrevistas foram transcritas e depois categorizadas de modo que pudessem englobar os dados devidamente para sua posterior análise com base no referencial teórico da Educação Ambiental Crítica.

Com isso, os resultados presentes estão conectados de acordo com as abordagens utilizadas e as categorias definidas, de modo que a discussão sobre eles seja feita com base nos dados apresentados pelo nosso campo amostral de entrevistas.

Resultados e discussões

A partir das entrevistas realizadas, da transcrição das respostas obtidas e análises dos conteúdos, 3 categorias principais foram destacadas nos dados obtidos entre todas as entrevistadas. São elas:

1. Relação das produtoras com o veganismo;
2. Relação das produtoras com a Educação Ambiental;
3. Relação das produtoras com o modo de produção de alimentos.

Em unanimidade, todas as entrevistadas foram do gênero feminino, atuam e residem em uma cidade no sul de Minas Gerais. Todas possuíam formações em nível superior em áreas do conhecimento que não se relacionavam diretamente com a profissão atual, como carreiras na pedagogia, licenciatura e veterinária. As entrevistadas foram mulheres jovens na faixa etária de 25 a 50 anos, que hoje tem como principal fonte de renda a venda de produtos e alimentos veganos.

Nesse ponto, podemos discutir a relação do veganismo com pautas feministas e de gênero. Desde a aristocracia europeia, o sexismo no consumo de alimentos é registrado. Adams (2018) cita no primeiro capítulo de seu livro que, durante a aristocracia, os detentores de poder eram quem consumiam carne, ou seja, homens. Mulheres, tanto as participantes da aristocracia quanto as mulheres de “segunda classe”, consumiam alimentos também considerados de “segunda classe” legumes, verduras, frutas e grãos.

Como exemplificado nas falas de P1 essa relação entre gênero e alimentação é muito notada:

“Tem muito machismo, já me falaram: “nossa, mas é só mulher que compra né? Porque homem não consegue ficar sem carne”. E as pessoas questionam até o meu namorado: “como que você fica sem carne?” P1

Percebe-se que essa cultura reforça também estereótipos alimentares, uma vez que considera que carnes são produtos de maior qualidade e sustância, o que implica em uma melhor qualidade de vida e saúde do que o consumo de alimentos considerados de “segunda classe” que são os vegetais, legumes e grãos, base de uma dieta vegetariana.

Em seu livro “A política sexual da carne”, Adams (2018) discorre sobre a interligação da opressão patriarcal com as mulheres e com os próprios animais. Pelo termo implantado como “referente ausente”, a autora explana a forma com que animais e mulheres se encaixam na mesma lógica de violência no sistema patriarcal:

A violência sexual e o consumo de carne, que parecem ser formas distintas de violência, têm no referente ausente um ponto de interseção. As imagens culturais de violência sexual e a violência sexual real, frequentemente repousam no nosso conhecimento de como os animais são retalhados e comidos [...] assim, quando mulheres são vítimas de violência, o tratamento dado aos animais é lembrado. (Adams 2018, p. 81).

Atualmente, temos vertentes como o ecofeminismo, que busca abolir a cultura patriarcal da submissão da mulher ao homem, promovendo relações de igualdade e melhoria da condição de vida, ao mesmo tempo em que defende o meio ambiente e valoriza a vida de todos os seres. O ecofeminismo propõe uma nova estrutura relacional entre os gêneros e entre a humanidade e o meio ambiente, articulando as lutas feministas e ambientalistas. Isso porque as ecofeministas consideram contraditório lutar contra a opressão das mulheres e, ao mesmo tempo, ser conivente com a exploração dos animais (Fernandes, 2020).

Destacamos que em relação à Educação Ambiental, Sauvè (2005) discutiu a corrente educativa ambiental feminista como uma das correntes mais recentes. Em seu clássico trabalho realizando uma cartografia das correntes da educação ambiental, a autora discute que a corrente feminista além de denunciar as relações de opressão também está articulada aos projetos ambientais pois implicam na reconstrução das relações com o mundo, e assim envolvendo a dimensão da igualdade ambiental e social.

Entretanto, é fundamental destacar que, dentro de uma perspectiva crítica da educação ambiental, o feminismo avançou significativamente na produção científica, fortalecendo a relação entre teoria e prática. Federici (2017), por exemplo, contribuiu ao resgatar historicamente a interseção entre trabalho, desenvolvimento social e econômico e o papel da mulher nesse contexto. Dessa forma, além da relação de opressão, também se evidencia a exploração, especialmente ao debater a sobrecarga de trabalho e a degradação das mulheres nesse processo.

Os dados analisados indicam que as mulheres são as principais responsáveis por levantar pautas relacionadas à sustentabilidade, aos direitos dos animais e ao veganismo. Essa realidade pode ser compreendida de maneira mais ampla, demonstrando que essa conexão não é recente. Os resultados mostram que, no município investigado, são as mulheres que impulsionam essas pautas e buscam formas de empreender com base em sua ideologia de vida e alimentar. Esse movimento reflete diretamente a interseção entre veganismo, feminismo e sustentabilidade, evidenciando como essas lutas estão interligadas no contexto local.

Relação das produtoras com o veganismo

Uma relação vinculada ao veganismo por todas as entrevistadas é a questão dos direitos dos animais, inclusive enquanto questão primária de motivação para se tornarem veganas. A força motriz inicial que leva essas produtoras para o movimento antiespecista é a relação exploratória dos seres humanos perante os animais.

Essa visão é muito notada nos relatos das participantes. Como podemos notar nas falas das entrevistadas:

“Sou vegana há 4 anos e vegetariana desde 2012, eu parei de comer carne por conta de questão animal, gosto muito de bicho, tenho dó e sempre quis parar.” P1

“[...] eu sou vegana pelos animais, mas pela minha saúde, pelo planeta, e minha mãe embarcou muito nisso de fazer comidas veganas.” P3

“[...] eu não sabia que o veganismo existia, porque o que me motivou a princípio foi ter dó dos bichos, de pensar “caramba eles morreram ali” e isso mexeu assim e eu levei isso.” P4

“No começo da minha parte foi pela minha filha, mas da parte dela foi pelo sofrimento dos animais, é pelos animais, então eu faço, não é pelo dinheiro em si, eu tenho mestrado em educação, eu sou de outra área, tinha meu emprego. Então é mais assim para dar opções para as pessoas.” P5

Entre os defensores dos direitos animais que compartilham o posicionamento das entrevistadas, destaca-se o filósofo Tom Regan, um crítico da visão utilitarista. Ele considera que as relações entre seres humanos e animais seguem três principais vertentes: a abolicionista, que propõe o fim da exploração animal; a reformista, que busca melhorias nas condições dos animais sem necessariamente eliminar seu uso; e a de defesa do *status quo*, que mantém a relação atual entre humanos e animais sem mudanças significativas.

Os partidários da primeira exigem o fim da exploração de animais, seja como alimento, como cobaias, ou na natureza. Os reformistas visam tão-somente a um aprimoramento dos padrões de tratamento dado aos animais, como jaulas e gaiolas mais amplas, uso de anestésicos etc. Já os defensores do status quo não desejam mudar nada. (Regan, 2001, p. 4).

Apesar da visão abolicionista estar muito presente no posicionamento das entrevistadas, é inegável que as temáticas de discussão se ampliam à medida que a tomada de consciência do ator que propõe a mudança é aumentada. Nota-se que todas as mulheres entrevistadas tocam em outros pontos que se relacionam com o veganismo e os hábitos alimentares, como a saúde e bem-estar. Essa consciência em sua maioria é secundária e está

implicada na maioria das vezes por um maior entendimento e aprimoramento da pauta, uma vez já adentrada pelas questões que as levaram ao movimento.

Para a quarta entrevistada (P4) seu contato com o veganismo trouxe essas outras reflexões:

"Depois eu fui percebendo as outras coisas que são impactadas com essa escolha que eu fiz, que é a minha saúde, o meio ambiente, tudo. Impacta positivamente em tudo."
P4

O mesmo acontece com outras entrevistadas ao questionar seus hábitos alimentares e relacionar com saúde e bem-estar:

"Eu mesmo quando eu virei vegana, eu passei com uma nutricionista que nossa eu acabei emagrecendo. E eu mesmo propagava esse tipo de coisa, "olha se você virar vegano você emagrece, você vai ficar mais saudável." P4
"...hoje em dia tem pessoas famosas que já mostraram que tem saúde, eu, a minha vida, eu tinha um problema sério de intestino e resolveu, eu não tenho mais esse problema e assim outros problemas, dificilmente eu fico doente e eu não como a 5, 6 anos nada de origem animal, nada mesmo." P5

Vale destacar que, apesar do senso comum relacionar veganismo a hábitos saudáveis, não necessariamente uma dieta restritiva de alimentos de origem animal é saudável. Indo a fundo no problema, podemos adentrar em questões que quebram esse paradigma de que toda alimentação vegana é saudável ou está atrelada a hábitos de vida saudáveis. Como por exemplo o consumo de alimentos de origem vegetal, como a soja e milho, produzidos com agrotóxicos e seus impactos na saúde humana.

Nesse cenário, uma das alternativas propostas para maior bem-viver e bem-estar está nos conceitos de agroecologia e policultura, além do consumo de alimentos orgânicos. É observado, quando perguntado para as entrevistadas, que há certa noção sobre essa temática ao relacionar a produção do agronegócio e outras alternativas de produção. Adentraremos nesse conceito no próximo tópico ao relacionar a Educação Ambiental ao veganismo junto das produtoras de alimentos participantes da pesquisa.

Relação das produtoras com Educação Ambiental

Nesse tópico são abordadas as concepções e ideias apresentadas pelas participantes em relação a Educação Ambiental. É importante ressaltar que quando se aborda o campo da Educação Ambiental, podemos nos dar conta de que apesar de sua preocupação comum com

o meio ambiente e do reconhecimento do papel central da educação para a melhoria da relação com este último, os diferentes autores (pesquisadores, professores, pedagogos, animadores, associações, organismos etc.) adotam diferentes discursos sobre a Educação Ambiental e propõem diversas maneiras de conceber e de praticar a ação educativa neste campo.

Aqui partilhamos do conceito de correntes proposto por Sauv  (2005, p. 1):

“A no o de corrente se refere aqui a uma maneira geral de conceber e de praticar a educa o ambiental. Podem se incorporar, a uma mesma corrente, uma pluralidade e uma diversidade de proposi es. Por outro lado, uma mesma proposi o pode corresponder a duas ou tr s correntes diferentes, segundo o  ngulo sob o qual   analisada.”

A partir desse conceito, relacionamos as entrevistas com os 15 conceitos apresentados sobre Educa o Ambiental a fim de estabelecer padr es de vis es semelhantes entre as entrevistas. Entre as correntes que t m uma longa tradi o em educa o ambiental, analisaremos as entrevistas de acordo com as propostas por Sauv  (2005).

Come ando com a primeira entrevistada, P1, nota-se uma associa o   corrente conservacionista/recursista. Ela geralmente se correlaciona ao desenvolvimento de habilidades de gest o ambiental e ao eco civismo. Encontram-se aqui imperativos de a o, comportamentos individuais e projetos coletivos.

“Educa o ambiental acho que, tudo relacionado a como, pr ticas que a gente possa proteger o meio ambiente, proteger a natureza, algo que a gente possa se ver como parte disso e n o algo que est  consumindo isso. N o sei, meio vago n ?” P1

Recentemente, a educa o para o consumo, al m de uma perspectiva econ mica, integrou mais explicitamente uma preocupa o ambiental de conserva o de recursos, associada a uma preocupa o de equidade social. Sauv  (2005) discute como a educa o ambiental se articula com pr ticas de consumo consciente e sustent vel, abordando a necessidade de questionar os h bitos de consumo em rela o   preserva o ambiental. O conceito de eco consumo pode ser explorado por meio de perguntas pertinentes relacionadas   compra de um novo produto, como: “Esta compra corresponde a uma necessidade? Esta compra n o ser  redundante em rela o ao que j  se tem?” Essas perguntas est o ligadas   quest o do consumo excessivo ou desnecess rio.

Após a primeira reflexão, onde o consumidor entende a necessidade da compra de outro produto, a sugestão é a escolha do mais sustentável, examinando o ciclo de vida dele. Outras perguntas, de caráter mais reflexivo como: “Em relação à sua produção: de que é composto este produto? Os componentes são inofensivos? “Eles provêm de matérias renováveis ou de matérias recicladas?” “O procedimento de fabricação respeita os critérios ambientais, éticos?”, levam o consumidor a escolher os produtos com mais consciência, sugerindo assim que o produto é mais eco responsável que os demais.

Esse pensamento está muito interligado com as ideias e escolhas da primeira entrevistada (P1), reforçado em suas falas:

“Por exemplo quando eu mudei os potinhos de plástico por outros de papel, as pessoas assim foram elogiando, acharam legal, que é uma coisa que elas se importam, mas assim é uma coisa que teve que partir de mim, não é uma procura do pessoal.” P1

“Acho que é muito assim a nossa responsabilidade de passar isso um para o outro. Aqui em casa a gente separa o lixo, com muito custo. Aqui cada semana é uma briga por causa da separação do lixo porque eu arrumo todo o lixo e tenho maior prazer em pegar e entregar ali para o catador pegar.” P1

Entretanto, é importante destacar que a preocupação ambiental e os conceitos de Educação Ambiental nesse caso, estão interligados com questões individuais de consumo e hábitos. Essa tendência, caracterizada como Pragmática, ganha força no decorrer dos anos 1990, com o crescente estímulo internacional à metodologia da resolução de problemas ambientais locais nas atividades em Educação Ambiental. Atrélada ao discurso da responsabilidade individual em relação ao meio ambiente, o conceito de “cada um faz a sua parte” foi atrelado à contribuição dos cidadãos ao enfrentamento da crise ambiental.

E isso resultou no estímulo à mudança comportamental nos hábitos de consumo, dando um vigoroso impulso à macrotendência pragmática. Como afirmam Lima e Layrargues (2014, p. 10):

As macrotendências conservacionista e pragmática representam duas tendências e dois momentos de uma mesma linhagem de pensamento que foi se ajustando às injunções econômicas e políticas do momento até ganhar essa face modernizada, neoliberal e pragmática que hoje a caracteriza. Ambas são comportamentalistas e individualistas, mas a forma conservacionista é uma versão mais ingênua e enviesada.

Para P2, a relação de Educação ambiental se dá a partir de uma perspectiva centrada na conservação assim como as concepções de P1 exemplificadas no primeiro caso.

“Educação ambiental? Nossa nunca pensei sobre, mas eu acho que é você colocar o indivíduo como responsável pelo mundo dele, sabe, quando você vai ensinar alguém a ser mais autônomo, você ensina ele a ser mais responsável.” P2

A Educação Ambiental de caráter conservacionista se estabeleceu devido a uma lógica de sensibilidade humana em relação à natureza, ou seja, a face mais visível da crise ambiental foi a destruição do meio ambiente natural. Contudo, as Ciências Ambientais, na época, não compreendiam questões sociais em seus pressupostos, refletindo uma visão restrita, muitas vezes focada exclusivamente no aspecto natural. (Lima; Layrargues, 2014).

Essa abordagem conservacionista na Educação Ambiental, que enfatiza a preservação da natureza, sem integrar as questões sociais, foi descrita por Lima e Layrargues (2014, p. 23) como parte de uma linha de pensamento que foi se ajustando às necessidades políticas e econômicas do momento. Além disso, ressaltam que a institucionalização dessa abordagem foi principalmente influenciada por sistemas ambientais em detrimento dos educacionais.

Dentro da Educação Ambiental conservadora acredita-se que, ao se transmitir o conhecimento correto, o indivíduo irá compreender a problemática ambiental e conseqüentemente mudará seu comportamento, e, além disso, privilegia vários aspectos em detrimento dos realmente importantes, tais como: a teoria sobre a prática, o indivíduo sobre a sociedade e o tecnicismo sobre a política (Guimarães, 2004). Como almeja apenas mudanças culturais e de comportamento, não é uma proposta viável, pois essas não podem ser transformadas se não houver transformação nos sistemas econômico e político da sociedade (Layrargues, 2012) muito bem exemplificado nas duas falas de P4:

“[...] como a gente tá em sociedade e tudo que eu faço impacta todos, o que eu faço vai impactar você que vai impactar outra pessoa. Toda a maneira que eu lido com as coisas que eu produzo, como eu vou descartar elas, vai impactar a sociedade como um todo.” P4

“[...] eu não vivo sozinha né, e eu acredito muito naquela coisa, ah tem vários nomes, lei do retorno, efeito borboleta, qualquer coisa desse gênero sabe. Então eu acredito muito que a maneira que eu lido com a minha produção, que não é tão grande assim, vai impactar a vida de uma outra pessoa que tá fazendo qualquer outra coisa.” P4

Para P5, a Educação Ambiental naturalista é muito evidente, as proposições da corrente naturalista com frequência reconhecem o valor intrínseco da natureza, acima e além dos recursos que ela proporciona e do saber que se possa obter dela:

“A educação ambiental eu acho que é a educação pra vida mesmo, é como você vive feliz, e tenha condições de viver a longo prazo quando eu digo longo prazo, tanto a geração, quanto as que virão. Então você tem que ter uma harmonia com o meio ambiente, não tem como. Nós somos a natureza, a natureza é a gente.” P5

Nota-se que, em todas as entrevistas as questões são voltadas para uma Educação Ambiental Conservacionista e Naturalista como são propostas e categorizadas por Sauv  (2005). A primeira est  centrada na preserva o dos recursos naturais do meio ambiente, tais como recursos h dricos, a fauna e a flora, e   trabalhada por meio de programas centrados nos tr s “R” cl ssicos (redu o, reutiliza o e reciclagem). J  a naturalista est  mais relacionada ao contato e   afetividade em rela o   natureza.

Rela o das produtoras com o modo de produ o de alimentos

Nesta categoria, foram abordadas as rela es das produtoras com o modo de produ o de alimentos vigentes, com foco no agroneg cio como mencionado nessa pesquisa, sendo o conjunto de atividades agropecu rias em grande escala desenvolvidas em grandes extens es de terras, e sua viabilidade em rela o a soberania alimentar e comida para todos.

Mais do que um conceito, Soberania Alimentar se transformou em uma bandeira pol tica dos movimentos camponeses vinculados   Via Campesina, a partir do debate desses conceitos   evidenciado a distin o entre esses dois projetos de agricultura: o do agroneg cio e o do campesinato, com suas l gicas produtivas e objetivos totalmente antag nicos. O pequeno produtor de alimentos, sejam eles agricultoras ou, como proposto nesta pesquisa, empreendedoras de produtos aliment cios veganos, tem como objetivo principal atender  s necessidades de sua fam lia. Esse modelo contrasta com o agroneg cio, cujo cerne est  no ac mulo de capital. Enquanto as pequenas produtoras buscam a satisfa o das necessidades humanas por meio da produ o e comercializa o de seus insumos, o agroneg cio se estrutura em uma l gica de grande escala e maximiza o de lucro. Para P1, essa rela o entre a produ o do modelo agroneg cio e a sustentabilidade s o claramente antag nicas, como demonstra seu relato:

“...por ter tido contato com isso na veterinária e saber como funciona a produção, é totalmente inviável. Tanto que no nosso país a gente produz tanta comida e mesmo assim vemos tantas pessoas passando fome né. Essa coisa de monocultura, que é o que o agro em nosso país ele prega, acho que vai acabar com o solo, vai acabar com tudo e a gente vai morrer de fome. Alimenta mais bicho do que gente, eu não vejo sustentabilidade nisso, em como isso pode se sustentar mesmo” P1

Esse discurso contra os monocultivos muitas vezes defendidos pela ideologia dos praticantes do veganismo acaba por ocasionar ataques e difundir um preconceito e falsas ideias de que só existem dois caminhos possíveis. Como exemplifica Stănescu (2010), o discurso contra o monocultivo de grãos frequentemente se converte em ataques irracionais aos vegetarianos e veganos, como se as duas únicas opções possíveis fossem comer carne ou produtos industriais ultraprocessados.

“Exatamente, de novo uma questão política de quem tem a terra, você vê que desde aqui no sul de minas onde há essa exploração enorme de gado, onde corta o morro no meio e vai embora e é isso mesmo. Tanto mais no Nordeste que é aquela exploração que passa por cima de aldeia e qualquer coisa. Mas quanto à alimentação, da população em geral. Acho que é o que mais vai contra a resolução da fome, porque é a monocultura né, porque é só soja, milho. Continua girando em torno das mesmas pessoas e são essas mesmas pessoas que fazem os agrotóxicos, e que vão gerar mais destruição, cada vez mais monocultura, cada vez mais o alimento na mão de cada um.” P2

“... o que por outro lado né, a gente poderia ter a permacultura, dando valor para o mato que cresce no nosso chão no nosso quintal a gente aqui na serra da Mantiqueira, tanto alimento maravilhoso crescendo no chão assim.” P2

Aqui o caráter e o valor da permacultura são exaltados pela primeira vez como uma alternativa ao modelo vigente de produção de alimentos. Colocando em cheque questões cruciais que sustentam o agronegócio.

“... ao mesmo tempo eu vejo que tem ganhado força o movimento do pequeno produtor, de agroecologia, aqui em nossa cidade mesmo a gente consegue saber mesmo de algumas pessoas que estão movimentando essa parte.” P4

Essa reconexão com a forma como os alimentos são produzidos e a compreensão de sua origem – desde as matérias-primas até a prateleira do supermercado – traz consciência ao cidadão, permitindo que ele questione tanto os processos produtivos quanto a procedência dos produtos que consome. A indústria se esforça para promover essa dissociação, especialmente em relação aos produtos de origem animal. O que é exposto e comercializado muitas vezes oculta sua origem, de modo que o consumidor não associe, por exemplo, uma

bandeja de carne moída no supermercado ao animal abatido. Além disso, os impactos ambientais dessa produção também tendem a ser ocultados.

Como comenta P5 sobre a exploração animal e a destruição do ambiente e dos recursos naturais em detrimento do consumo:

“... o animal é explorado desde que nasce e estimulado a comer coisas industrializadas e produzidas em fábricas. E a gente sabe a contribuição da indústria para a poluição e o que traz de prejuízo total. A própria pastagem que ocupa para plantações ou gado, em detrimento às vezes da própria agricultura que é para o ser humano, não que a gente seja melhor, mas que precisa disso né. Então de uma maneira geral eu vejo a questão da poluição e dos espaços ocupados pelo estímulo da procriação muito grande em alta escala. Quantidade de água que gasta para gerar e produzir todo esse espaço para o animal. Devastação da floresta, corta-se muitas árvores para criação de gado a pasto aberto.” P5

Em alguma medida, este resultado corrobora à conclusão de Stănescu (2010), segundo a qual a maioria dos adeptos do veganismo são mais conscientes dos perigos da comida e da agricultura industrializada do que a população em geral, e isso porque teriam desenvolvido uma autocrítica mais profunda em relação aos impactos de suas práticas de consumo.

Considerações finais

Os resultados apresentados sugerem que as produtoras de alimentos veganos possuem formas e visões semelhantes quando se trata de suas percepções e relações com a Educação Ambiental. Destaca-se aqui uma visão voltada para uma Educação Ambiental Conservacionista e Naturalista. Onde a preservação dos recursos, meio ambiente, fauna e flora é trabalhada por conceitos centrados em ações individuais e ou por afetividade em relação a natureza e outros seres vivos.

Sobre o perfil das produtoras, podemos compreender e identificar relações entre o veganismo e questões de gênero. Essas são muito presentes e interligados, uma vez que a totalidade das entrevistadas são mulheres que levantam a pauta do veganismo como ideologia fundamental em contraposição ao agronegócio. Tendo em vista uma necessária relação com o ambiente de outra maneira, ou seja: menos predatória e exploratória. E apesar da vertente antiespecista, pela defesa da causa animal, ser o motivo inicial que as leva ao movimento, é possível perceber que as entrevistadas de maneira geral se desenvolveram e caminharam no sentido de um questionamento em relação ao modo de produção dos

alimentos, considerando o contexto do agronegócio de exploração do ambiente. A partir dessa primeira reflexão, outras questões, que não eram aparentes, como saúde, bem-estar e relação com o ambiente foram colocadas pelas participantes da pesquisa.

Os dados apresentados apontaram para profícuas interfaces entre as práticas das produtoras de alimentos veganos com as propostas de reestruturação do sistema agroalimentar sustentadas pelo movimento agroecológico, com destaque para: a defesa da soberania e a segurança alimentar por meio da promoção da alimentação saudável (orgânicos, sem ultraprocessados e transgênicos); o uso sustentável dos recursos naturais por meio de práticas ecológicas de tratamentos de resíduos e redução do desperdício alimentar; a promoção de sistemas alimentares justos e sustentáveis que apoiam aos agricultores familiares e a valorização dos produtos da sociobiodiversidade, incluindo a crítica à expansão dos monocultivos de grãos.

O veganismo como ideologia, apresenta grandes potencialidades como forma de questionar o modo de produção de alimentos, considerando a exploração animal e ambiental da natureza transformada em mercadoria. O movimento tem se tornado presente cada vez mais na vida da população, principalmente das mulheres. A produção de alimentos veganos contribui de forma significativa com esses questionamentos, que suscitam questões e debates sobre a temática.

Referências

ABONIZIO, Juliana. **Consumo alimentar e anticonsumismo**: veganos e freeganos. Ciências Sociais Unisinos, v. 49, n. 2, p. 191-196, 2013.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

ADAMS, Carol. **A política sexual da carne**. 2. ed. São Paulo: Alaúde, 2018.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 13, n. 16, p. 1-25, jan./jun. 2010. ISSN 1806-6755.

CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares. Campesinato autônomo – uma nova tendência gestada pelos movimentos sociais do campo. **Revista Lutas & Resistências**, Londrina, n. 1, p. 146-162, set. 2006.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. Vegetarianismo e veganismo: a expansão rápida de uma nova filosofia alimentar no Brasil. **Revista de Alimentação e Cultura das Américas**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 89-101, jul. 2020. Disponível em: <https://docplayer.com.br/206629550-Vegetarianismo-e-veganismo-a-expansao-rapida-de-uma-nova-filosofia-alimentar-no-brasil.html>. Acesso em: 23 out. 2023.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017, 406p.

FERNANDES, Ana Clara Soares. A interseção entre o veganismo e o feminismo. **Revista Discente Planície Científica**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 2, n. 1, jan./jul. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Pequenas empresas de produtos vegetarianos crescem 40% ao ano**. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/07/1787773-pequenas-empresas-de-produtos-vegetarianos-crescem-40-ao-ano.shtml>. Acesso em: 5 fev. 2025.

GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental crítica. In: LAYRARGUES, P. P. (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: [editora], 2004. p. 25-34.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, p. 398-421, 2012.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa; LAYRARGUES, Philippe Pomier. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nyhjidZ4hYdqVFdYRtx/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Carta de Belgrado**: uma estrutura global para a educação ambiental. 1975.

REGAN, Tom. **Animal rights, human wrongs**: an introduction to moral philosophy. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2001.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. São Paulo: Autores Associados, 1994.

SINGER, Peter. **Ética prática**. 2. ed. Tradução Jefferson L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **Mercado vegetariano**. 2018. Disponível em: <https://veg.svb.org.br/vegetarianismo1/mercado-vegetariano>. Acesso em: 5 fev. 2025.

STANESCU, Vasile. "Green" eggs and ham? The myth of sustainable meat and the danger of the local. **Journal for Critical Animal Studies**, v. 8, p. 8-32, 2010.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia de pesquisa científica**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. O conhecimento e a libertação: a construção do saber como instrumento de opressão e liberdade. In: TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia de pesquisa científica**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. 2 ed, Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2025.

Submetido em: 06-02-2024

Publicado em: 19-12-2025